

OSITO 12
JUL 1958
CRÔNICA
Desportiva
N. 32

ESTE NÚMERO:

A história de

"FAIA"

o as do

BARREIRENSE



17 - NOVEMBRO - 1957
Preço --- 1\$50

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

Todos os Domingos

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 32 — 17-11-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 89
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P
(Anuário Comercial de Portugal)

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

À ATENÇÃO DE QUEM DE DIREITO

PARA QUANDO A ABOLIÇÃO DAS MULTAS AOS JOGADORES?

Há longos anos que se brada no deserto, contra a organização do nosso desporto — o futebol em especial — no tocante à classificação dos atletas. Oficialmente não se reconhece o profissionalismo (ainda que haja Direcções de clubes que nos seus comunicados se refiram abertamente à existência de «Departamento do futebol profissional»).

A Direcção Geral dos Desportos continua santamente a ignorar que há centenas de jogadores a receberem ordenados fixos para jogarem a bola. Na verdade, está numa posição difícil, na falta de um Estatuto que imponha a destrinça de profissionais e amadores. Mas até quando poderá sustentar essa ingrátissima situação? Até quando se fará «vista grossa» ao desaforo a que se assiste nas relações entre dirigentes e atletas, expresso nessa arbitrariedade, sem base legal, a que chamam «multas»?

A D. G. D. poderá continuar a ignorar o profissionalismo encapotado que grassa no nosso futebol enquanto não achar remédio para esse dúbio regime. Mas numa coisa, pode se quizer, intervir salutarmente: é acabar com as inqualificáveis multas a jogadores que não se baseiam em qualquer código penal, dentro da legislação desportiva, e que são uma prepotência, pois os atletas punidos não se podem defender.

Atente-se ao caso do jogador Leitão, do Oriental, a quem o clube devia para cima de uma dezena de contos, por remuneração e prémios atrasados. Pois a este jogador sem qualquer inquérito foi aplicada a «multa» de sete contos e quinhentos escudos!!

Paga... não recebendo o que lhe era devido! Posteriormente, por ter dado uma entrevista, em que se reproduziram deslestantes declarações do jogador (Leitão ██████████ que estivesse a falar para o jornal que o entrevistou) foi-lhe aplicado mais o «desconto» de 250\$00.

Tal falta, a nosso ver, exigia um inquérito e provando-se a culpabilidade do atleta, este devia ser suspenso por tempo determinado—mas nunca multado.



Deverá a D. G. D. ignorar estas coisas? Poder-se-á chamar muita à importância de 7.500\$00, sabendo-se que o jogador em causa auferia mensalmente quando muito uns 1.500\$00?

Qual é a entidade que tem poderes legais para aplicar uma multa de cinco meses de ordenado a quem quer que seja?

Mas, pouco ou muito, o princípio das multas a desportistas deve ser abolido. Para atletas há só um meio de punição: a interdição temporária ou definitiva, da prática desportiva. É óbvio que um desportista suspenso não recebe a remuneração que lhe é devida por prestação de serviços. É um procedimento comum em várias profissões.

É muito diferente do processo de multas ainda que haja igualmente prejuízo económico, para o prevaricador mas assim coerente. Haverá também maior cuidado na aplicação destas penas, já que o clube estará também interessado no período de suspensão. No caso das multas, não. Quanto maior for a «falhada», melhor será o saldo da gerência... (1) Como não há lei nenhuma que fixe o escalão de multas a desportistas, o assunto fica ao capricho de cada um que tenha a faca e o queijo na mão...

Repetimos: trata-se de uma arbitrariedade que a D. G. D. não pode continuar a ignorar.

E advertimo-la que não é só o Oriental que está em causa. Este, porventura, terá apenas pisado o risco, porque, que saibamos, jamais um clube se atrevera a aplicar, para uma só falta, a multa de 7.500\$00.

Sabemos que há outros clubes que adoptam semelhante processo de penalização e se não os designamos é porque não temos, de momento, dados concretos, que os atletas assunidos preferem calar-se, com receio de represálias.

Apenas José da Costa nos disse uma vez que o Lusitano o multara em 200\$00 por, estando concentrado num hotel, atravessou a rua para comprar cigarros...

No caso do Oriental não: foi o próprio clube que o comunicou à imprensa (quanto à multa menor), e ao jogador, por carta, no caso da multa maior.

Mas basta que a D. G. D. proíba a aplicação de multas a jogadores, que o mal cessará.

(1) O comentário não é necessariamente dirigido ao Oriental, porquanto a citada multa foi aplicada pela Direcção anterior e já depois de elaborado o relatório de gerência.



MÁRIO AMÉRICO

— o maçagista mais famoso do mundo

Este é Mário Américo, o maçagista da Portuguesa de S. Paulo e da selecção do Brasil.

Mário Américo é considerado, na sua profissão, o n.º 1 Mundial.

A sua popularidade em toda a América do Sul é excepcional, e, na Europa, Mário Américo é uma figura que começa também a ter seu público.

Quando o ano passado o Brasil esteve em Lisboa, tivemos ocasião de privar com ele e de admirar não apenas a sua arte como maçagista, mas também como narrador de anedotas e cantor de sambas. Uma figura de lenda, este Mário Américo.

SABE O QUE SIGNIFICA O «K»?

Outro pormenor: causará estranheza ao leitor menos versado no assunto, a letra que Américo exhibe na camisola. Aliás, outros treinadores estrangeiros que nos têm visitado, apresentam o mesmo sinal. Expliquemos pois: K é a inicial da palavra de origem grega Kinesioterapia, que significa cura dos músculos pelo movimento.

Dois ídolos franceses

um do passado outro do presente



O «velho», à direita, é o antigo internacional francês de futebol Cuissard, que jogou algumas vezes entre nós.

Cuissard continua em evidência e alinha, actualmente, no Stade de Rennes, que baixou este ano à 2.ª Divisão.

O novo também já pisou os nossos campos de futebol. Trata-se de Rachid Mekloufi, interior do Saint-Etienne e da Selecção da França.

Um ídolo de ontem — um ídolo de hoje.

Entre o passado de Cuissard e o presente de Mekloufi, o futebol francês caminha para o primeiro plano do «association» mundial.



Este estádio coquete, bem tratado, cheio de sol, enquadrado numa encantadora paisagem geral, fica situado no Oeste da França, em Angers. A sombra da torre da iluminação eléctrica recorta-se no relvado e ao longe, semi-escondidas entre a verde folhagem, surgem, aqui e acolá, as mradias típicas da região.

À direita, ergue-se para o céu o campanário da cidade.

No meio de um panorama tal, até deve saber jogar a bola — e ver jogar a bola!

Futebol e paisagem



UM ESTRANHO FATALISMO PERSEGUE OS DEFESAS CENTRAIS LISBOETAS...

Não será uma questão de superstição, mas... Atente-se a este conjunto de coincidências:

Em fins de 1953, o «internacional» Félix do Benfica, punido pela direcção do seu clube, deixou de prestar o seu concurso na equipa onde tanta fama conquistara. Voltou a jogar em representação do Torriense mas essa passagem foi efémera, pois abandonou de vez o futebol, verificando que tinha perdido irremediavelmente qualidades.

Em fins de 1955, o internacional do Atlético, Germano, que se fixara no lugar de defesa-central, foi vítima

Germano observa, com nostalgia, o relvado da Tapadinha.

Esta vida acabou definitivamente para Manuel Passos...



Figueiredo distrai-se, agora, lendo...

de pertinaz doença e teve de abandonar os rectângulos de jogo. Voltou recentemente.

Na época passada houve o «caso» Passos — dispensado definitivamente pelo Sporting, por sanção disciplinar, que não chegou a ser bem esclarecidas.

Recentemente, surgiu o «problema» Figueiredo, o qual, punido pelo Belenenses, ficou numa situação delicada.

Não é estranho este fatalismo que parece pairar sobre os nossos lisboetas?

Este é o Félix, que chegou a ser cognominado Sport Lisboa e Félix...



UM SACERDOTE QUE FOI ATLETA OLÍMPICO



Muitos são aqueles que, impulsionados por sentimentos sublimes, trocam os prazeres da vida terrena para se dedicarem à vida eclesíastica. São artistas, milionários, bravos soldados, gente de todas as condições sociais, que, em dado momento da sua vida, resolvem, com firmeza, tomar um rumo novo, essencialmente espiritual e misericordioso. E também alguns desportistas.

Nick Stacey, corredor britânico olímpico ficou de tal maneira impressionado com os estragos que presenciou em Hiroshima, quando do lançamento que ficou histórico, da primeira bomba atómica, que decidiu dedicar o resto da sua vida ao resgate da Humanidade.

Uma nova patinadora

Mimi Cosme, de seu nome completo Maria Olímpia Machado de Oliveira Cosme, acaba de surgir, como risonha promessa, no âmbito da patinagem artística entre nós. Filha do nosso camarada e conhecido produtor radiofónico José de Oliveira Cosme, tem sido uma das mais dedicadas discípulas de Xavier Araújo, esse esforçado e «heróico» paladino da modalidade em Portugal, com o qual aprenderam as mais notáveis patinadoras dos nossos rinques.

Mimi Cosme, que conta 15 anos de idade, não está filiada em nenhum clube, mas tem particular simpatia pelo «Hóquei Clube de Sintra», e ali fez a sua estreia, muito auspiciosa, na festa de homenagem a José Magalhães, guarda-redes do referido clube, alternando com a consagrada Edite Cruz, que dispensou à jovem patinadora palavras de carinho e incitamento.

«Crónica Desportiva» saúda Mimi Cosme e augura-lhe muitos e retumbantes êxitos.

Mimi Cosme numa das suas elegantes atitudes.



VIRGÍLIO e CAIADO

— compadrio que desejamos voltar a ver...



Teve desagradável consequência o incidente registado no decorrer do último encontro entre o Benfica e Porto, pois originou que dois dos nossos mais populares internacionais se afastassem dos terrenos do jogo, Fernando Caiado, por lesão, e Virgílio, como responsável daquela.

Eles eram amigos, sempre o foram. Compartilharam juntos horas amargas e momentos felizes, na selecção nacional.

Ei-los, na foto, presenciando um treino da equipa portuguesa, em noite invernos. Mais do que o conjunto da indumentária — sobretudo sobre fatos de treino e uma toalha a proteger Virgílio do frio agreste — ressalta o compadrio amigo, que decerto voltará existir, esquecido o incidente que os separou.

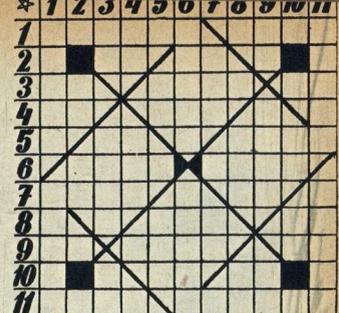
Na selecção, ou fora dela, esperamos vê-los, de novo, lado a lado, bons amigos, bons adversários.

Não é verdade, Virgílio? O. K., Fernando Caiado?!

ESPORTO MENTAL

Horizontais — 1 — Jogadores do ORIENTAL e do BARREIRENSE. 2 — Símbolo químico do gálio. 3 — Soleira; mau; mil e quinhentos. 4 — Carta de jogar; caminhavas. 5 — Nota musical; jogador da CUF. 6 — Jogadores do SP, COVILHÃ e SALCUEIROS. 7 — Limite; nome de letra. 8 — Termo; nota musical. 9 — Pron. pess.; jogador do BELENENSES; nota musical (ant.). 10 — Prep. e art.; distar. 11 — Adição; jogador do SP. BRAGA.

Verticais — 1 — Jogadores do SPORTING e do TORRIENSE. 2 — Existe; acusada. 3 — Jogador do F. C. PORTO; preposição. 4 — Aqui; liga. 5 — Graçaja; confia. 6 — Jogadores do BENFICA e do ATLÉTICO. 7 — Cemidos; pedra do moinho. 8 — Jogador do V. SETÚBAL; ilha histórica francesa. 9 — Viração; jogador do LUSITANO; batrácio. 10 — Pão doce; único. 11 — Jogadores da ACADÉMICA e CALDAS.



N. R. — Chamamos a atenção dos nossos leitores para o «record» que apresenta este problema, com nomes de jogadores de todos os clubes da 1.ª Divisão nas duas últimas épocas.

1.º Prémio E. M. HASSBERG (Est. Unidos) 2.º Prémio W. BYAS (Inglaterra)

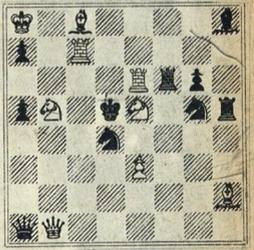
Xadrez

A «British Chess Problem Society» promoveu em 1948, a quando dos Jogos Olímpicos de Londres, um grandioso torneio de composição de problemas de xadrez, quase todos desconhecidos em Portugal.

CRÓNICA DESPORTIVA vai publicar a série (dois lances) de produções premiadas (entre as quais figura as dos portugueses Vasco Santos e Mariz Graça) pelo que interrompe, por algum tempo, a publicação de problemas de damas, a fim de abrir esta inserção.

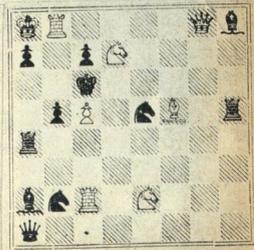
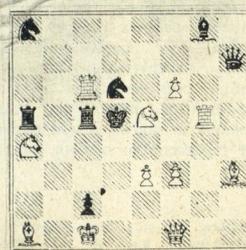
A este torneio (repartido por três secções) concorreram 450 problemistas de 28 países — êxito sem precedentes!

Mate em dois lances



3.º Prémio V. L. EANTON (Est. Unidos)

4.º Prémio A. R. GOODERSON (Inglaterra)



Do album de

VITOR SILVA

a «águia» que voou alto

Vitor Marcolino da Silva — quem não se recorda dele? — nasceu em Lisboa, no bairro de Benfica em 20 de Fevereiro de 1909. Mais tarde, já espigadote, ia com os outros rapazes do seu bairro para o antigo campo do C.I.F., nas Laranjeiras. E ali jogava com bolas a sério...

Um dia — isto na época de 1923-24 — o Internacional defrontou o Vitória de Setúbal, em 2.^{as} categorias, para o Campeonato de Lisboa de futebol, e Vitor lá estava para assistir. Mas faltou o guarda-redes Gentil dos Santos, e Vitor estreou-se oficialmente aos 14 anos como... guarda-redes.

Nessa mesma época o C. I. F. abandonou a prática do futebol e o pequeno Vitor ingressou num clube do seu bairro — O Hockey C. P. Jogou a época de 24-25 no Campeonato da Promoção, alinhando ao princípio a interior direito, passando depois para o lugar de avançado-centro. Até início de 1927 manteve-se naquele clube jogando também hóquei em campo.

Portemner curioso desses tempos: Vitor num jogo dos infantis contra o Belenenses teve de jogar a defesa-direito e... pela força do hábito, meteu um golo na própria baliza, com um tremendo remate...

Em 1927, Carlos Guimarães, «pescou» o Vitor para o Carcavelinhos, mas por lá se encontrou pouco tempo, pois dentro da mesma época 27-28 ingressou no «Benfica. Ainda não tinha um ano de «casa» quando se sagrou internacional «olímpico», depois de ter representado o País contra a Espanha, Argentina,

(Conclui na pág. 14)

Pisando a relva do estádio do Benfica. Que grandes «jogatanas» que ali não faria o Vitor com menos vinte e cinco anos!...



EM CIMA: Vitor Silva jogava assim, com uma elasticidade notável.

AO CENTRO: Saindo do campo amparado por Faustino e Abelhinha. Bela imagem Sporting-Benfica...

A ESQUERDA: Vitor Silva no início e quase no final da sua carreira no Benfica.

Os bailados do futebol



POESIA...

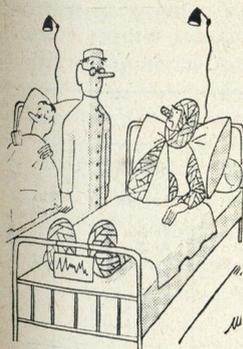
A chuva cai sobre o Estádio, formando um espelho enorme sobre o qual se retratam as silhuetas dos jogadores do Racing de Lens, ao penetrarem no rectângulo.

O público, fiel ao seu desporto favorito, não arreda pé. É o Outono em França... É a poesia da Natureza aliada à beleza do desporto.

O n.º 9, mesmo de costas, não desiste da jogada, mas o outro, em desequilíbrio, também não se dá por vencido... Daí resulta esta fase animada, que é mais um documento da «espectaculosidade» do futebol.



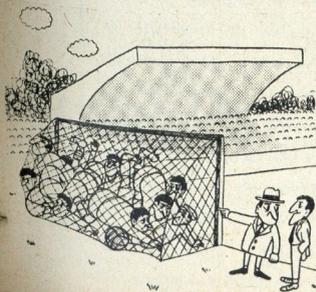
HUMOR DESPORTIVO



— E pensar eu que arrisco a vida todos os domingos... para ser, afinal, nas férias, vítima de um acidente.

— Qual é a sua profissão?

— Arbitro de futebol...



O locutor:

— Caros ouvintes, este encontro, que principiou num ambiente apaixonado acaba de terminar na mais simples indiferença, sem um pouco só daquele entusiasmo a que estamos habituados.



EM CIMA:

— Livre porque? Se eu quase nem lhe toquei... Foi só um encostozinho...

À ESQUERDA:

— Como vê, isto é que é rede boa, hem! Aguenta que se farta...

Os Estados Unidos da América bateriam largamente a Rússia num super-encontro de atletismo!...

É sabido que os Estados Unidos da América do Norte e Rússia são as maiores potências do mundo em atletismo. Baseando-se nas melhores marcas das últimas épocas, dos atletas daqueles países, a categorizada revista alemã «Sport Illustriert» inseriu, num dos últimos números, um quadro curiosíssimo que reproduzimos com a devida vénia. Nele se

Modalidade	1.º=5 pontos	2.º=3 pontos	3.º=2 pontos	4.º=1 ponto	E. U. A. Rússia
100 m	Morrow (A) 10,2	King (A) 10,3	Bartenjew (R) 10,4	Konowalow (R) 10,5	8 : 3
200 m	Morrow (A) 20,9	Sime (A) 21,0	Bartenjew (R) 20,9	Tokarijew (R) — 20,9	8 : 3
400 m	Courtney (A) 46,2	Larrabee (A) 46,2	Ignatiew (R) — 1:49,7	Nikolski (R) 47,8	8 : 3
800 m	Courtney (A) 1:46,1	Sowell (A) 1:46,9	Maritschew (R) 1:49,7	Pipine (R) — 47,8	8 : 3
1500 m	Bowden (A) 3:41,6	Pipine (R) 3:43,4	Seaman (A) 3:46,0	Maritschew (R) 3:46,8	7 : 4
5000 m	Kuz (R) — 13:58,2	Bolotnikow (R) 13:58,2	Truex (A) 14:04,2	Jones (A) — 14:04,2	3 : 8
10 000 m	Kuz (R) — 29:48	Bolotnikow (R) 29:48	Truex (A) ca. 30:00,0	Dellinger (A) ca. 30:20,0	3 : 8
4 x 100 m	1. A (Murchison =39,6, 2. Rússia=40,0)	King 10,3 — Morrow 10,2	10,3 — Sime 10,2	—	5 : 2
4 x 400 m	1. A (Jenkins 46,2)=3:05,0, 2. Rússia 3:09,0	McMurray 46,2	46,2 — Larrabee	46,2 — Courtney	5 : 2
110 m bar.	Campbell (A) 13,4	Calhoun (A) 13,5	Michailow (R) 14,3	Stoljarow (R) 14,4	8 : 3
400 m bar.	C. Davis (A) 50,6	Sulbreath (A) 50,9	Litujew (R) 51, (R) 7,39	Ilijn (R) 51,8	8 : 3
3000 m bar.	Rshitschin (R) 8:57,0	ones (A) ca. 8:50,0	Ponomarjiew (R) 8:54,6	Ashenfelter (A) ca. 9:00,0	4 : 7
Comprimento	Bell (A) 8,10	Shelby (A) 7,78	Ter-Owanesian (R) 7,39	Fjedosejew (R) 7,33	8 : 3
Altura	Dumas (A) 2,10	Kaschkarow (R) 2,11	Stepanow (R) 2,16	Smith (A) 2,11	6 : 5
Vara	Cutowski (A) 4,82	Richards (A) 4,65	Tschernobaj (R) 4,50	Petrow (R) 4,40	8 : 3
Triplo-salto	Zygankow (R) 16,04	Tjerkel (R) 15,95	Sharpe (A) 15,74	Floerke (A) 15,31	3 : 8
Peso	Nieder (A) 18,95	O'Brien (A) 18,95	Lastschilow (R) 16,88	Baljaiew (R) 16,57	8 : 3
Disco	Oerter (A) 56,94	O'Brien (A) 55,85	Grigalka (R) 54,34	Bukhanzew (R) 53,85	8 : 3
Martelo	Connelly (A) 65,84	Kriwonossow (R) 66,70	Samozwetow (R) 63,20	Hall (A) 64,93	6 : 5
Dardo	Held (A) 81,47	Zybulenko (R) 75,22	Voiles (A) 76,64	Kusnetzow (R) 74,05	7 : 4



vê que os americanos venceriam os russos por apreciável margem nesse «match» de sonho, que provavelmente nunca será possível realizar. Alguns dos maiores atletas do mundo a obterem os seus melhores resultados de sempre seria um acontecimento extraordinário, fantástico.

O 1.º lugar em cada prova, caberia 16 vezes aos Estados Unidos e 4 aos russos, justamente nas especialidades apontadas acima.

Por estas contas, os Estados Unidos venceriam por 129-83. Obteriam vitórias globais em quase todas as provas. A Rússia triunfaria apenas nos 3.000 obstáculos, 5.000 e 10.000 metros (os americanos não são especialistas nas provas de fundo, pouco afeitas ao seu carácter dinâmico...) e triplo-salto.

EM CIMA: A América bateu a Rússia nos 4x100 metros nos Jogos Olímpicos da Austria

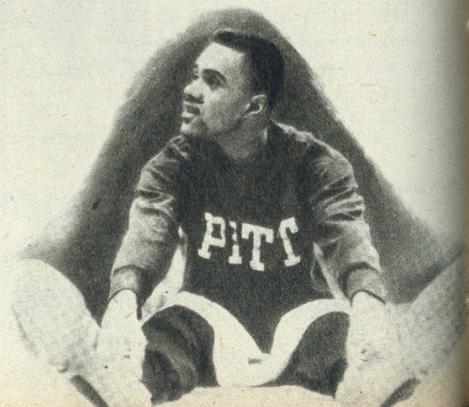
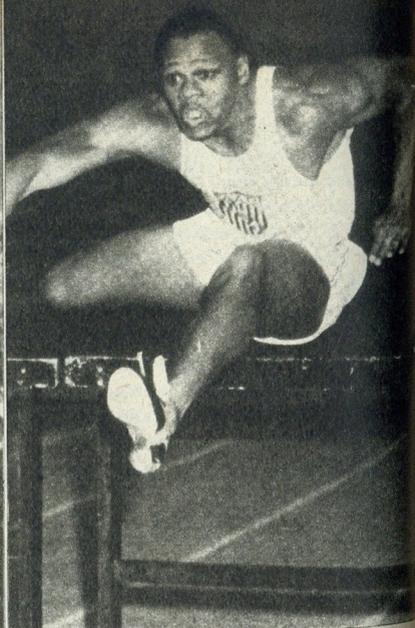
AO CENTRO: Zibulenko, o melhor lançador soviético do dardo

Kaschkarow, rival de Stepanow — ambos superados pelo extraordinário saltador americano Dumas





EM CIMA, À ESQUERDA: Bolotnikov, que, com o incomparável Kutz, assegura a supremacia da Rússia nas provas de fundo



EM CIMA, À DIREITA: Milt Campbell, o grande barreirista norte-americano, campeão do Mundo

À DIREITA: Arnie Sowell, cognominado «o lápis voador». Especialista nos 800 metros

A medalha de correcção para JACINTO

A Federação Portuguesa de Futebol atribuiu a Jacinto — o veterano jogador do Benfica — a medalha de «Exemplar Comportamento» por aquele atleta nunca ter sido castigado ao longo dos seus dezasseis anos de futebol. Todavia, essa medalha não chegou a ser entregue na festa de despedida como era lógico. E até ao momento em que redigimos estas linhas continuava na Federação, à espera de irem lá buscá-la...

Precisamente nessa altura, a Federação Portuguesa de Futebol, comunicou que entregaria no dia 9 deste mês, não só essa medalha, mas também as de Eloi, Armando Carneiro, Rosário e Dinis.

Para o simpático atleta do Benfica, a entrega, a poucos dias de comemorar o 36.º aniversário, quase que toma o aspecto de prenda de anos — o que iam os a sugerir se a F. P. F. não se antecipa...

Esta semana fazem anos



São os seguintes os aniversariantes desta semana:

— **Virgílio Marques Mendes**, defesa «internacional» do F. C. Porto. Nasceu no Entroncamento, em 17 de Novembro de 1927, completando, pois, hoje, 30 anos. Principiou a jogar no Ferrolviário do Entroncamento em 1946-47, transferin-

do-se a seguir para o F. C. Porto, onde se mantém.

— **José Joaquim Naldo**, defesa do Benfica. Nasceu em Lourenço Marques, em 17 de Novembro de 1932, pelo que completa hoje 25 anos. Está no Benfica desde a época de 1954-55.

— **Jacinto do Carmo Marques**. Nasceu na Cova da Piedade, em 13 de Novembro de 1921. Comemora o 36.º aniversário portanto. Clubes representados oficialmente: 1940-41 — Carcavelinhos; desde 1941-42 — Benfica. Foi «internacional B».

— **António Augusto Amaral Caiado**. Nasceu em Leça de Palmeira, em 19 de Novembro de 1923. Perfaz, pois, 34 anos. Oficialmente começou a jogar no Atlético em 1942-43. Depois no Farense, de 1943-44 a 45-46. Desde 1946-47 que defende as cores do Boavista.



Está no Boavista

o mais alto futebolista de Portugal

Encontra-se há algumas semanas, no Porto, mais um ultramarino — guinéense de nascimento — para jogar futebol. Irmão de um elemento de já consagrado valor, Honório, o jovem atleta trouxe igualmente o destino do Boavista.

Chama-se António Reis Pires e deve ser o mais alto jogador de futebol de Portugal. Reis Pires mede nada menos de 1^m,95 e mostra-se um verdadeiro tipo do basquetebolista americano. Parece-se com os atletas dos Globetrotters. Até na cor...

O rapaz tem apenas 19 anos, feitos em 15 de Fevereiro último. Pratica basquete e voleibol, além do futebol. E em todas eles é já uma promessa.

«Nasceu» para o desporto na A. Académica de Bissau, depois de mostrar as suas habilidades no estabelecimento de ensino liceal daquela cidade — o Instituto Liceal Honório Barreto.

E ingressou na Associação Académica, oficialmente, quando tinha 17 anos. Na época seguinte, transferiu-se para a União Desportiva Internacional, também de Bissau, de onde agora veio para a Metrópole.

O basquete modalidade para a qual tem extraordinária habilidade e altura favorável, a tal ponto que, mal chegou ao Porto, logo ingressou na turma principal do Boavista, que está a disputar o campeonato distrital da I Divisão — aprendeu-o, assim como o voleibol, no liceu, mas não são estas as modalidades de que mais gosta, como adiante se verá.

Fomos vê-lo actuar numa das últimas

noites, durante o torneio oficial da Associação de Basquetebol do Porto. E tivemos a oportunidade de com ele trocar algumas palavras.

— Quais os desportos que pratica? — Começámos por inquirir.

— Na Guiné, praticava futebol (oficialmente), basquete e voleibol (como simples amador), mas o desporto da minha vida é a caça. É a minha grande paixão. Mas já vi que, aqui, pelo Continente, só há caça miúda. Mesmo assim, e depois de aclimatado ao meio, veremos se terei algum tempo livre para me dedicar ao desporto mais atraente de todos quanto conheço.

— Não veio, portanto, para a Metrópole para caçar...? — interpelámos maliciosamente.

Reis Pires, sorriso franco, deixa ver uma alvíssima fileira de dentes à mistura com um ricto de alegria, respondendo:

— Já se vê que não! Vim para o Porto, atraído por meu irmão Honório, para estudar e praticar futebol.

— Mas afinal está, mas é, a jogar basquete... — insinuámos.

— Sim, por enquanto. Mas estou a treinar futebol com todo o entusiasmo. Sou novo, e enquanto aprendo essa difícil modalidade, vou-me entretendo e, ao mesmo tempo, preparando fisicamente. Sim, porque o basquete é um excelente meio de preparação atlética, como sabe.

— Então, gosta muito de praticar basquetebol?

Com os pés bem assentes no solo, o seu braço atinge a parte superior da rede do voleibol.



Reis Pires não precisa de pular muito para «encestar».



O estilo de Reis Pires no futebol.

— Sinceramente, das três modalidades gosto mais do futebol, depois do basquete e, finalmente, de voleibol. Por esta ordem!...

— E que lhe parece o futebol cá pela Metrópole?

— Muito mais difícil. Mas em compensação há bons treinadores, com os quais podemos aprender muito. Estou a dedicar-me com toda a aplicação, por forma a bem servir — o melhor que me for possível — o Boavista. Pelo menos, gostaria de vir a saber tanto como meu irmão Honório. Quando o vi jogar agora até fiquei admirado com o que ele aprendeu por cá. Sim, senhor!... Como ele está a jogar bem!...



Silva Costa e Reis Pires o mais baixo e o mais alto da equipa de basquetebol do Boavista.

Italia e França. Com 19 anos o «diabo vermelho» fora 7 vezes internacional!

Depois, a sua carreira foi uma sucessão de triunfos impressionantes. Foi campeão de Lisboa e de Portugal. Representou a sua Associação no 23.º Porto-Lisboa, 5.º Lisboa-Algarve, 2.º Lisboa-Madrid, 1.º Lisboa-Paris, 3.º Lisboa-Sevilha, 28.º Porto-Lisboa e 2.º Leiria-Lisboa. Tomou também parte em dois jogos Norte-Sul e foi ao todo 19 vezes «internacional», tendo obtido 8 golos quando em representação do País.

Apesar de já ter abandonado a actividade há cerca de vinte anos, o seu nome é amiúde recordado e sempre admirado.

VASQUES
já foi o melhor marcador português, mas nessa altura não havia a "bola de prata"



Vasques, pendurado nas redes da baliza — essa baliza que é o seu grande objectivo de momento.

Manuel Vasques, o popular «Ma-lhoa» do Sporting, cuja festa de homenagem será realizada no final da presente época, é um dos mais sérios candidatos ao título de melhor marcador do campeonato nacional. Já uma vez (em 1951), quando o Sporting foi campeão, Vasques foi quem marcou mais golos na prova. Simplesmente dessa vez não havia o prémio que existe agora: a «bola de prata», troféu instituído pelo jornal «A Bola».

Assim, o remoçado Vasques, luta com persistência, para a consecução do seu duplo objectivo, desde que...

— Desde que o prazer que eu venha

a ter não prejudique a carreira da equipa, pois acima da glória pessoal está o Sporting!

Isto nos asseverou Manuel Vasques e não duvidamos. Lembremo-nos que ele declarou à «CRÓNICA DESPORTIVA» no princípio da temporada, e ainda com o braço ao peito, devido à fractura da clavícula, sofrida na época anterior:

— Se tudo me correr pelo melhor e não sofrer acidentes espero fazer a minha melhor época de sempre. Será assim a modos, o «canto do cisne», mas o que garanto é que o Vasques ainda não está acabado e dará que falar...

Acertada profecia, pelo que se vê...

U I T O R
S I L V A
a «água» que
voou alto

Curiosidades Filatélicas

Os primeiros selos desportivos da Húngria

Continuando a apresentação de selos desportivos de todo o mundo, pela ordem cronológica das emissões, cabe hoje a vez às primeiras estampilhas de índole desportiva que circularam na Hungria.

O país dos magiares é, como referimos no início destas crónicas, o mais cotado, actualmente, neste campo filatélico. E como se poderá



verificar pelas produções desta página, não é só de agora o seu bom gosto, quer na qualidade artística, quer na variedade.

A emissão que produzimos tem mais de trinta anos! Data de 27 de Abril de 1925, e teve validade até ao fim desse ano.

Representam sucessivamente: um esquiador; parada desportiva; patinador artístico; esgrima; futebol; natação; atletismo (salto sobre barreiras); e acampamento esportista.

Durante o período de circulação destes selos, foram empregados, também, carimbos dos correios

com novos motivos desportivos.

Imagine-se a enorme propaganda do desporto que dessa iniciativa não adveio, na Hungria...

Não é uma colecção cara. A série completa de oito valores está avaliada em cerca de 80\$00. Por espécime, varia entre 5\$00 e 16\$00. Existem, porém, selos não dentados, que, por serem raros, valem vinte vezes aquelas cifras.

Esta emissão, notável para a época, destinou-se para benefício das colectividades desportivas, pelo que 10 % das franquias reverteu para o desporto. Admirável iniciativa dos correios húngaros de há três décadas, provando quanta utilidade poderá haver para os desportos a colaboração da filatelia — das formas de propaganda mais duradouras que se conhecem e um dos processos mais interessantes de assinalar acontecimentos para a posteridade.



M.A.C.
JUBILARIS
-REGATTA-



BTE



M.E.S.Z.
NEMZETKÖZI REGATTA
- 1925 -
BERLIN-BUDAPEST-WIEN



SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Eis um misto de jogadores do Benfica e do Belenenses que participaram na festa de...

A resposta vem na página 32. Os jogadores fotografados são: de pé — Bastos, Ângelo, Figueiredo, Vicente, Pires, Caia-do, Jacinto, José Pereira, Artur. Ajoelhados: Arsénio, Dimas, Palmeiro, Coluna, Águas e Matateu.



UM "LEÃO" entre duas "feras"

Mas que trio!... Nada menos que o brasileiro Evaristo, Jesus Correia e Kubala.

Como foi que os três se encontraram? — perguntará o leitor. Será que o «Necas» queria atrair os dois fenómenos de futebol do Barcelona para as práticas do hóquei patinado... ou futebol no Sporting?

Será que o Jesus Correia vai ingressar na colectividade catalã?

Nada disso, amigos. O Jesus Correia esteve recentemente em Barcelona, visitou o novo campo do principal clube catalão, e calhou encontrar-se com os dois famosos «ases».

Um fotógrafo estava presente e não desperdiçou a oportunidade de fotografar este curioso trio — um «leão» entre duas «feras»!...



apresenta

«FAIA»

o «académico»
do Barreirense

- ★ COLEGA DE ESCOLA E DE EQUIPA DE CARLOS GOMES
- ★ DOS INFANTIS A CATEGORIA DE HONRA DO BARREIRENSE
- ★ UMA SUGESTÃO DE «CRÓNICA DESPORTIVA»
- ★ RECORDAÇÕES DA VIAGEM AO BRASIL
- ★ DE NOVO NO BRASIL COMO BELENENSE
- ★ COM O BARREIRENSE NA ALEMANHA
- ★ AS TRANSFERÊNCIAS DE «FAIA»
- ★ JOGOS MEMORÁVEIS
- ★ ALEGRIAS E TRISTEZAS





«Faia» indica ao filho — um encantador bebé de um ano — donde provém a fama do papá... Segundo nos confiou o «ás» barreirense, teria muito gosto que ele lhe seguisse as pisadas no futebol

O João Júlio de Almeida e Silva é, sem dúvida, um dos mais habilidosos jogadores portugueses.

João Júlio? — estranhará o leitor. De facto este nome, como o apelido, não são conhecidos no mundo da «bola». Todos o conhecem por «Faia» — no Barreiro, como fora dessa laboriosa vila.

Já chamavam «Faia» ao seu avô. O filho deste herdou o cognome — que por sua vez o «cedeu» ao que é hoje a «estrela» máxima do Barreirense.

É a história do jovem «Faia» que vamos contar. Ou melhor: é o próprio atleta que a narrará aos leitores de «Crónica Desportiva». Ei-la:

COLEGA DE ESCOLA E DE EQUIPA DE CARLOS GOMES

— O futebol atraiu-me desde menino. O que não admira. Meu pai é o sócio n.º 7

do Barreirense. Toda a família gosta do clube e muitos dos seus membros são também sócios. Caroto ainda, não trocava qualquer brincadeira por ver jogar futebol, nem que fosse só os treinos...

— E prosseguiu:

— Quando cheguei à idade escolar, passei a dividir o meu tempo entre os estudos e a bola.

— Era bom estudante?

— Não era mau. Meu pai não contrariava a minha propensão para o futebol, mas punha como condição não prejudicar os estudos.

— E continuou:

— Frequentei a escola de instrução primária no Barreiro; depois matriculei-me no liceu Passos Manuel, de Lisboa. Caso curioso: eu e Carlos Gomes fomos sempre colegas de estudos até ao 5.º ano do liceu. Fomos também colegas de equipa no Barreirense e na selecção militar...

— E no Sporting! — lembramos.

— Tem razão. Quando o Sporting foi ao Brasil e eu o representei por empréstimo, voltamos a ser colegas de equipa!

— E num impulso espontâneo:

— O Carlos Gomes não é tão mau como o pintam às vezes. É um excelente rapaz, capaz de dar a camisola a um amigo se este dela precisar...

— Sorriu e acrescentou:

— Era um guloso incorrigível, o Carlos! Capaz de comer uma dúzia de pastéis de nata uns atrás dos outros...

Rapazote ainda fazia parte do Académico de Basquetebol



Nos juniores do Barreirense, dos quais fazem hoje parte da 1.ª categoria: Duarte (4.º de pé), Rodrigues (5.º) Alves (2.º ajoelhado), Silvino (3.º) e Faia (4.º)



Junto da antiga sede do Barreirense, entre Magno (hoje em Angola) e Ricardo Vale

DOS INFANTIS À CATEGORIA DE HONRA DO BARREIRENSE

— Falemos de si... — propusemos.

— Bem, um dia o Barreirense abriu a inscrição para os «infantis». O treinador era o Pascoal, antigo jogador do Barreirense. Não sei porquê (talvez tivesse ido tarde demais) disse-me que como eu havia lá muitos. Narrou a seguir:

— E eu, que estava esperançado em participar num jogo de infantis que fazia parte da festa de homenagem ao «internacional» Alvaro Cardoso fiquei de fora. Felizmente, uns directores do clube viram-me jogar num desafio escolar contra o colégio Damião de Góis, de Alenquer. E como fiz boa exibição convidaram-me para novo treino no Barreirense e então fui aprovado.

— E sempre jogou na festa de Cardoso?

— Sim, e foi esse o meu primeiro jogo pelo Barreirense. Nos «infantis», disputei ainda um torneio organizado pelo Belenenses, e que muito útil me foi para a minha formação futebolística.

Breve pausa e depois:

— Passei depois para os juniores. Estreei-me na Moita, no lugar de interior. Nesse jogo marquei o meu primeiro golo oficial de maneira não muito vulgar: um «corner» directo!

— Recordá-se doutros elementos dessa equipa?

— Dos que subiram depois ao primeiro «team» lembro-me do Carlos Gomes, João Alves, Silvino, Duarte, Rodrigues, etc. Ganhamos o «distrital», claro...

— Um pormenor: você era amador ou...

— Nesse tempo era amador puríssimo, pois até as passagens pagava. Só comecei a receber dinheiro do futebol no 1.º «team», porque os outros também recebiam.

— E da estreia no primeiro «team», lembra-se?

— Jogo inesquecível esse. Tive muita sorte em ter nascido em 1 de Outubro de 1932, sabe? Se fosse uma semana mais tarde já não podia ter participado nesse desafio tão decisivo para o Barreirense.



Dois jogadores emprestados ao Sporting — Faia (Barreirense) e Carvalho (F. C. Porto)

Muito jovem ainda, já tinha a expressão actual Um trio barreirense que deu que falar — Correia, José Pereira e Faia



E explicou:
— O Barreirense defrontou o Luso, em jogo decisivo para a qualificação no campeonato da II Divisão — quatro dias depois de eu ter completado os dezoito anos. Antes não podia jogar, como manda a lei. Vencemos por 1-0 e o Barreirense veio a ganhar o campeonato da II Divisão, e, conseqüentemente, a subir à I Divisão.

UMA EXTRAORDINARIA PROEZA DE «FAIA» EM BASQUETEBOL

«Faia» foi um desportista eclético. Futebol, natação, voleibol (no liceu) e basquetebol, e ultimamente a caca submarina, não têm segredos para ele. Em natação, foi campeão infantil em 50 metros, e em seniores 100, 200 e 400 metros. No basquetebol cotou-se como o melhor jogador da região ao sul do Tejo, e há quem sustente que «Faia» poderia vir a ser um basquetebolista extraordinário para a nossa meio, melhor que futebolista. Numa final de juniores contra o «Celtas», cometeu a façanha de marcar todos os pontos da sua equipa, tendo esta vencido por 24-22.

Ainda hoje nos treinos de basquetebol, integrados na preparação do futebol (selecção nacional), «Faia» distingue-se sempre.

UMA SUGESTÃO DE «CRÓNICA DESPORTIVA»

Este pormenor leva-nos a sugerir o seguinte:

Por vezes na elaboração de programas de festas de homenagem ou instalações desportivas tem-se dificuldade em arranjar números desportivos susceptíveis de atrair o público.

Estamos convictos que um desafio de basquetebol em que intervisse uma selecção de futebolistas, cotados como bons basquetebolistas, seria um êxito, como aliás já se provou no Pavilhão dos Desportos, num festival benfiquista.

Uma equipa com «Faia», Costa Pereira (que como se sabe é grande basquetebolista) Carlos Gomes (também antigo praticante), o internacional Fonte Santa (agora futebolista do Olhanense), entre outros, poderia constituir uma surpresa no meio basquetebolístico e decerto seria grande cartaz em qualquer organização no género. A ideia aqui fica.



Num treino da selecção, «Faia» envervou o equipamento «leonino». O caso levantou rumores, mas nada encerrava de especial. Ao lado do Barreirense está Carlos Duarte, do F. C. Porto

RECORDAÇÕES DA VIAGEM AO BRASIL

Abordamos, seguidamente, um capítulo curioso na carreira de «Faia» — o seu empréstimo ao Sporting, numa viagem ao Brasil.

— Eu tinha ido, com o Barreirense, à Madeira. Pois, só no regresso, ao chegar a Lisboa, me disseram que o Sporting me queria levar, que o Barreirense estava de acordo... e que a partida era no dia seguinte.

E comentou:
— Bati um recorde de rapidez em tratar de tudo: passaporte, licença militar, fatos, etc. E lá parti com a equipa do Sporting!

— Que tal foi a digressão?
— Ótima. E proveitosa sob o ponto de vista material...
— Quanto ganhou?



— Cerca de trinta contos. E podiam ter sido mais 19 contos se não fosse o Bigode...

— Qual bigode?

— Bigode era o defesa do Fluminense que evitou um golo, que decerto nos daria a vitória. Assim empatamos 0-0...

— Então se ganhassem ganhariam 19 contos cada um?!

— Pelo menos, o dr. Cósio Mota disse-nos que a Colónia portuguesa oferecia um prémio a cada um, de 16 contos portugueses se vencessemos o Fluminense. O clube oferecia 6 contos. Empatamos — e ganhámos 3 contos. Já não foi mau, claro...

— Mas como foi essa jogada famosa que evitou a derrota do Fluminense?

— Nos últimos minutos do jogo, o Albano passou-me a bola, e eu, com Castilho batido, atirei a um canto.

Pois o Bigode surgiu, como por encanto, a repelir a bola. E foram 16 contos ao !!

Entrando em campo, então na Académica



**No próximo número
A história
de Fernandes
— o benfiquista que
triunfou no Torriense**

A ESQUERDA: Brincadeira no estádio da selecção

EM BAIXO: «Faia» — «zás» em natação



A-B-C — Faia parece segurar a bola por meio do imán invisível. É debalde que o guarda-redes do Sarre se lança para lhe tirar o esférico. Repare-se na queda do guardião, estando «Faia» sempre



senhor da situação. Por fim, passa pelo adversário caído, pronto a desfechar o remate fatal. Podia ter sido golo, mas o árbitro, sem «Faia» saber porquê, anulou o tento, que se seguiu



«Faia» recordou ainda:

— O único jogador expulso do torneio foi o defesa central do Grasshoppers. Por minha causa...

— Porquê?

— Fiz um passe com o calcanhar para o Jesus Correia. O suíço não gostou da habilidade e zás, pregou-me um pontapé!...

**DE NOVO NO BRASIL...
COMO BELENENSE**

«Faia» voltou mais tarde ao Brasil. Desta vez, porém, como... belenenses. Eis o que nos disse:

— O Belenenses foi muito infeliz no Rio. Começou mal... e esse foi o nosso mal. Por mim, fiquei satisfeito com a minha exibição contra o Vasco-Santos.

E acrescentou:

— A suspensão do torneio foi bom para nós... sob o ponto de vista turístico.

Tivemos tempo de visitar o Rio de Janeiro à vontade, e ainda Petropolis. Assistimos ao Brasil-Argentina e Flamengo-Benfica — espectáculos formidáveis.

Comentou:

— O pior foi o susto que apanhamos. Para a noite em que jogamos com o Zagreb — estava planeado um assalto aos nossos quartos, por uma quadrilha de gatunos que se hospedara no mesmo hotel. Felizmente foram descobertos a tempo, porque se não nem na noite da única vitória poderíamos dormir satisfeitos...

**COM O BARREIRENSE
NA ALEMANHA**

— Mas não só noutras equipas visitei o estrangeiro. Com o Barreirense já visitei a Espanha, a França, Alemanha, Sarre, Suíça, Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

E acrescentou:

— Um país que me impressionou deveras foi a Alemanha. O desportivismo dos alemães é uma coisa notável.

Narrou então um episódio curioso:

— Estávamos a perder por 2-0, em Bremen, quando sofremos terceiro golo, mas irregular, por «ofside». O árbitro, a princípio validou-o, mas os protestos da assistência foram tão veementes, que o juiz de campo reconsiderou e anulou o tento. Até tive pena... de ganharmos por 3-2!

AS TRANSFERENCIAS DE «FAIA»

Abordamos outro capítulo da carreira de Faia: a transferência para a Académica e regresso ao Barreirense... e outras tentativas:

— Porque deixou o Barreirense e ingressou na Académica?



Assistindo, num estágio, a uma partida de bilhar entre Polido e Casaca

— O futebol foi um tanto calado de eu ter «chumbado» no quinto ano liceal, quando tinha 17 anos. Abandonéi depois os estudos, mas mais tarde resolvi recomear. Só na Académica se pode jogar e estudar, sem prejuízo para ambas as coisas. E assim fui para Coimbra.

— Que carreira tencionava seguir?
— Letras. Reconheci que, realmente, estudar não era mais a minha vocação. E voltei à minha terra.

— A «deserção» custou-lhe alguns dissabores, não?

— Muitos contrariedades deixaram realmente de me faltar. Esses não eram meus verdadeiros amigos, portanto o mal não foi grande.

E acrescentou, sorrindo:

— Quando joguei contra o Barreirense, no Barreiro, ouvi a maior assobiadela de toda a minha carreira.

Depois, marquei um golo ao Barreirense, e calou-se tudo. Foi também o golo menos aplaudido, da minha vida!

— Custou da sua estadia na Académica?
— Muito, mesmo. É uma equipa em que dá gosto jogar. Arranjei também muitas amizades em Coimbra, que ainda hoje perduram.

— É verdade que esteve quase a ingressar no Benfica?

— Suponho que o Barreirense se opôs sempre à transferência. Unicamente, que eu saiba, comunicou ao F. C. Porto que me dispensaria por 800 contos. É claro, o F. C. Porto desinteressou-se...
E prosseguiu:

— De facto, em 1956, o Sr. Pinheiro Machado, director do Benfica, chegou a falar-me na hipótese de ir para o seu clube. E já em tempos o Sporting me fizera idêntica proposta.

Revelou ainda:

— Também este ano o Belenenses me propôs a transferência. Recusei. As transferências acabaram para o «Faia». Estou arrumado no Barreirense e daqui não saio!

Concluiu este capítulo com uma revelação que supomos inédita:

— Este ano, quando fomos a Espanha, e depois do jogo com o Condal recebi um convite do Valência para efectuar lá uns treinos. Parece que estavam dispostos a pagar bem... Achei graça mas não aceitei.

JOGOS MEMORÁVEIS

Seguiu-se uma série de perguntas que levaram «Faia» a recordar as passagens assinaláveis da sua carreira.

Quando lhe perguntamos qual fora o melhor jogo da sua vida, replicou:

— Foi na Bélgica, no torneio militar, no desafio contra a Itália. Foi uma exibição inspirada, que me permitiu estar sempre em jogo.

Recordou também:

— Outra boa actuação, feita em condições excepcionais foi contra o Vasco da Gama, em Coimbra. Nas vésperas andei numa serenata e só me deitei às 8 horas da manhã. Estava quase a dormir, quando me vieram chamar para assistir ao jogo de passagem Caldas-Boavista... Não dormi pois nessa noite. Fui jogar disposto a dar tudo, por tudo, para que ninguém tivesse que me apontar a leviandade. Joguei tão bem que à noite, no banquete de confraternização, um director do Vasco da Gama declarou que eu teria lugar em qualquer equipa do Rio...
Enfim, um episódio... à «Faia».

ALEGRIAS E TRISTEZAS...

E o nosso interrogatório continuou, a contar incondicionalmente com a franqueza do entrevistado:

— Qual a tarde futebolística mais alegre e — mais triste?

— Foram ambas na Académica. As mais alegres foi contra o V. Cuimaraes, nos jogos de passagem, tendo eu marcado o golo que garantiu a permanência da «Briosa» na 1.ª Divisão. A mais triste foi quando perdemos por 7-3 com o Benfica.

Estranhámos a alusão, porquanto não víamos uma transcendência por aí além nesse resultado. «Faia» explicou-nos:

— Estivera vinte dias sem treinar. Resultado: ao cabo de dez minutos de jogo já não podia com os pés. Queria e não podia. Foi um jogo tormentoso.

— Qual foi o seu melhor golo?

— Não posso precisar. Talvez um contra o F. C. Porto, quando o Barreirense ganhou por 4-0... Um que me deu grande satisfação sei eu qual foi...
— Diga...

— Foi quando jogava na Académica e um golo meu «tirou» o campeonato ao Benfica!

Observamos:

— A modos que sofre muito quando o Benfica lhe ganha e exulta quando o vence...

— Custo do Benfica, como de qualquer clube, excepção feita ao Barreirense e à Académica. Simplesmente, marcar um golo que fica lembrado por muito tempo é sempre agradável. Além do mais, foi o meu primeiro golo marcado de cabeça, o que é também curioso.

— É verdade que «Faia» é um tanto refractário a marcar golos de cabeça. Porquê?

— Ora, o futebol fez-se para jogar com os pés... Mas já tenho marcado mais com a cabeça. Contra o Belenenses, Académica, no jogo-treino com o Covilhã pelo Belenenses, nas vésperas de partida para o Brasil...

Outro ponto ainda:

— Qual foi o jogador mais difícil de passar que já enfrentou?

— Cabrita! Era um bom políglota...

— Era? Já não é?

— Bem, continua a ser, mas para os outros... da II Divisão.

EM CIMA E AO CENTRO: Duas equipas do Barreirense que se que se deslocaram ao estrangeiro

— a primeira à Europa central, e a outra, muito recentemente, a Espanha. Nesta reconhecem-se perfeitamente: Isidoro, Silvino, treinador Ausina, Duarte Pinto, Vasques, Fonseca, Onoro, Grilo, José Augusto, Faia (capitão) e Pimenta

À DIREITA: Moeda ao ar — um dos jogos que o Barreirense disputou em Espanha





Uma raridade: golo de cabeça de Faia

Dele estou livre por uns tempos, que espero sejam breves, pois o Fernando Cabrita tem tanto de bom jogador como de bom rapaz, e merece a alegria de voltar à I Divisão.

«FAIA» E A SELECÇÃO NACIONAL

A entrevista estava no fim. Indagamos então:

—O «Faia» foi já internacional «A»?

—Tenho esperanças de que seja ainda esta época, mas lá mais para diante, quando atingir o melhor da minha forma.

E concluiu:

—No entanto, tenho motivos para não estar confiante, apesar de já ter sido suplente contra a Turquia, Áustria e Irlanda.

—Porquê?

—Andava nos treinos da selecção cheio de esperanças, e num jogo contra o F. C. Porto marquei até um golo monumental, segundo a crítica. O próprio seleccionador, na sua crónica, chamou-me «mestre». Pois nessa semana não me convocou nem sequer para a selecção «B»!

«Fiquei desanimado, mas agora, com a nova época, e com a preparação que levo, estou de novo esperançado na «internacionalização»...

Soluções dos passatempos deste número

Horizontais — 1. — GARCIA; «FAIA». 2. Ca. 3. Le; ruim; MD. 4. As; ias. 5. La. VALE. 6. RITA; LALO. 7. Meta; ze. 8. Fim; mi. 9. Tu; TITO; ut. 10. Ao; ir. 11. Sousa; RAFAEL. **Verticais** — 1. GALAZ; MATOS. 2. és; re. 3. LITO; em. 4. Ca; Ata. 5. Ri; tia. 6. ÁGUAS; VITOR. 7. Ais; mo. 8. VAZ; If. 9. Ar; FALÉ; ra. 10. Lo; um. 11. ANDRÉ; VITAL.

XADREZ — 1 — Cd 4. 2 — Cd 7. 3 — Dh 6. 4 — Te 8.

FOTO-ENIGMA — Festa de Benitez.

LIBERTO GONÇALVES DOS SANTOS

Naturalidade — Lisboa

Clubes representados: 1922-23 a 1935-36: União de Lisboa.

Internacionalizações: 5. Contra a Checoslováquia, Hungria, França, Itália e Espanha.

Estreia internacional: contra a Checoslováquia, em Lisboa, em 24-1-1926.

JESUS MUÑOZ CRESPO

Naturalidade — Lisboa

Clubes representados: 1913-14 a 1931-32: Benfica.

Internacionalizações: Uma, contra a Espanha, em Sevilha, em 16 de Dezembro de 1923.

JOSÉ MANUEL MARTINS

Naturalidade: Sintra

Clubes representados: 1922-23 Académico S. C.; 1923-24 a 1927-28: Sporting.

Estreia internacional: contra a Hungria, no Porto, em 26 de Dezembro de 1926.

Internacionalizações: 11 jogos. Contra: Hungría, França (2), Itália (2), Espanha (2), Argentina (1), Chile (1), Jugoslávia (1), Egipto (1).

JOÃO DE OLIVEIRA «BANANEIRA»

Naturalidade — Mangualde (Viseu)

Clubes representados: 1922 a 1926 Portugal F. C.; 1926-28 Império L. C.; 1928-29 a 1933-34 Benfica.

Internacionalizações: Uma, contra a Itália, em 12 de Dezembro de 1931, no Porto.



JESUS CRESPO



LIBERTO DOS SANTOS

